

Diga Tradução é Arte (*Say Translation is Art*)

Sawako Nakayasu

Tradução: Coletivo UFF Tradução é Arte

Prefácio dos tradutores

Publicado em dezembro de 2020, *Say Translation is Art* (*Diga Tradução é Arte*), de Sawako Nakayasu, é “um tratado sobre tradução literária que excede os limites das definições convencionais, defendendo um reconhecimento mais amplo de tradução como ação e como arte. Nas margens cada vez maiores da cultura literária dominante, tradução se vincula à performance, à repetição, ao fracasso, ao processo, à colaboração, ao feminismo, à polifonia, à conversa, ao desvio, ao punk e à improvisação”, assim a editora *Ugly Duckling Presse* apresenta o panfleto¹ da artista e tradutora nipo-americana.

Sawako Nakayasu, professora da Brown University, trabalha com linguagem, performance e tradução — separadamente e em combinações variadas — e traduz do japonês para o inglês. Seus livros incluem *Texture Notes* (2010) e *The Ants* (2014); as traduções de *Costume en Face: A Primer of Darkness for Young Boys and Girls* (2015) de Tatsumi Hijioka, e de *The Collected Poems of Chika Sagawa* (2020), e *Mouth: Eats Color – Sagawa Chika Translations, Anti-translations, & Originals* (2011), uma obra multilíngue de poesia original e traduzida. É co-editora de *A Transpacific Poetics* (2017), que reúne poesia e poéticas envolvendo imaginários transpacificos, bem como da antologia de poesia experimental japonesa do século 20, co-editada com Eric Selland, ainda a ser publicada.

¹ Este panfleto faz parte de uma série de vinte ensaios encomendados pela *Ugly Duckling Presse* sobre trabalho coletivo, tradução, performance, pedagogia, poética e publicação de pequenas editoras. Uma prova de impressão com o conteúdo integral de *Say Translation is Art*, a qual serviu de original para esta tradução, está disponível em:

<https://uglyducklingpresse.org/publications/say-translation-is-art/>. Agradecemos a Marine Cornuet pela liberação dos direitos de publicação da tradução em português do Brasil, aos pareceristas da revista pelas valiosas sugestões e à própria autora por toda gentileza em nossa comunicação.

Aqui, na sequência, o coletivo de tradução UFF Tradução é Arte, composto por Beethoven Alvarez, Bruna da Silva, Catarina Ribeiro, Gabriela da Silveira, Gabriela Santos, Pedro Lopes, Renan Carvalho e Sofia Almeida, apresenta a tradução colaborativa *Diga Tradução é Arte*, de Sawako Nakayasu. Esta tradução foi realizada no âmbito da disciplina “Estudos da Tradução: formas de ver o outro”, ministrada pelo professor Beethoven Alvarez, no segundo semestre de 2023, no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, RJ. *Diga Tradução é Arte* é, ao mesmo tempo, resultado e processo de um exercício conjunto de leituras e de compartilhamento de experiências tradutórias.

O livreto possui 24 páginas, incluindo a capa, o frontispício, o colofão e duas últimas páginas com um índice de nomes e agradecimentos; o texto propriamente, dividido em blocos, ocupa 19 páginas, todo composto por uma sucessão de frases curtas ou pequenos parágrafos quase como aforismos invariavelmente introduzidos pelo comando “Diga” (*Say*). A repetição contínua e sentenciosa da sugestão “Diga tradução desse jeito”, “Diga tradução daquele jeito”, cria sonora força de mantra, mas que, em vez de acalmar, deixa o leitor em constante inquietude e desafiadora reflexão.

Um pouco sobre a tradução: há certo desarranjo sintático ou de pontuação vez ou outra, há certas metáforas e alusões mais ou menos cifradas, há inúmeras menções diretas a pessoas, grupos, livros e obras artísticas e musicais; buscamos não facilitar, em português, a compreensão das correlações de sentidos que Nakayasu engendra e que dialogam, portanto, com um conhecimento prévio (ou posterior) de qualquer leitor — seja do inglês, seja do português. Não discutimos nem propusemos uma tradução nem estrangeirizante nem domesticadora — isso não nos pareceu válido como premissa. Não desejamos correspondências nem equivalências, mas nos luxuriamos e nos divertimos com cada escolha dessa ou daquela palavra, uma ou outra conjuntura discursiva possível; as memórias que cada uma das escolhas despertava — as equivocadas principalmente — criavam uma cadeia de conexão de ideias e pessoas estimulante e provocativa. Trabalhamos, como sugeriu Nakayasu, na microerótica da tradução.

Optamos por não recorrer a notas de rodapé, mesmo que haja muitas referências literárias e culturais que podem não ser facilmente identificadas e sejam relativas a um determinado contexto intelectual estadunidense: trabalhamos, como sugeriu Nakayasu, traduzindo no escuro.

O processo de tradução — coletiva — foi marcado por uma série de interações teórico-metodológicas: ao passo que discutíamos as passagens do manifesto, o próprio conteúdo de alguns parágrafos, ao ser transcodificado para nossa língua, parece que nos indicava algumas chaves teóricas de tradução; no que avançávamos página a página, a plurivocalidade sugerida pelo panfleto conversava abertamente com leituras prévias que havíamos feito durante a disciplina e ouvíamos as vozes veladas de Haroldo de Campos (“*say intergalactic creatures all afloat in the pre-choate digitas*”) e também de Augusto de Campos e Décio Pignatari do trio *noigandres* (“*translation as process, [...] translation as close reading*”), podíamos ouvir Meschonnic nas fissuras (“*say sense is not everything translation*”) ou ecos de Louis Zukofsky (“*translation [...] as open as matter and anti-matter*”); o que lemos de tradução e perspectivismo ameríndio (Viveiros de Castro), traduções canibais (Álvaro Faleiros), sobre modos de tradução *Orfe(x)u & Exunouveau* (Edimilson Pereira), sobre Tradução-Exu (Guilherme Flores e André Capilé), o que estudamos sobre Pós-Tradução (Gentzler), formas de tradução feminista (von Flotow), tradução como ato político (Marie-France Dépêche), muito disso, de alguma forma, reverberava ora como reforço teórico ora como *modus operandi*.

Não podemos negar que houve certa orientação em direção a uma noção genérica de paramorfismo tradutório, mas sem a busca por captar um “espírito” da obra; esse aspecto formal fica mais evidente no uso (ou na falta) de pontuação e no emprego de itálicos e aspas (especialmente em títulos de obras ou equivalentes) que muitas vezes desrespeitam propositalmente normas ditas cultas de escrita em língua portuguesa.

Por fim, esperamos que este livrinho, traduzido para integrar o n. 36 da *Tradução em Revista*, seja, como foi para nós, tão divertido e instigante a toda pessoa interessada em discutir tradução também fora do textocentrismo dominante, sem dogmatismos e conservadorismos, num processo colaborativo, amplo, plural, ligado aos feminismos, à plurifonia, ao diálogo,

adepto ao erro, ao improviso, num exercício de pensar que são esses os mesmos desafios de qualquer forma de arte.

Diga Tradução é Arte

Sawako Nakayasu

Tradução: Coletivo UFF Tradução é Arte

Diga isso.

Diga isso não.

Diga isso de novo.

Desse jeito.

Diga isso de novo custe o que custar, doa a quem doer, diga isso.

Diga tradução como prática artística aberta tão aberta quanto matéria e antimatéria.

Diga antitradução como recusa, ou não, a traduzir completamente, diga isso não.

Diga antitradução não como recusa a traduzir, apenas a recusa a traduzir. A recusa a traduzir, desse jeito. Diga isso de novo.

Diga nunca ouvi alguém expor tanto da sua vida íntima só para alegar que suas políticas são privadas, diga linguagem codificada, diga linguagem é código.

Diga tradução do espaço privado.

Diga tradução pública.

Diga eu compartilho essa imagem com você, diga sua imagem é sua imagem, desse jeito.

Diga uma postura não-binária diante de textos e traduções.

Diga quem, você.

Diga quem, eu.

Diga traduzir no escuro. Diga tradução clandestina, tradução não legitimada, tradução ilegal, tradução não definitiva, tradução não autorizada. Rosque e desenrosque a tampa da hegemonia da tradução.

Diga tradução feral.

Diga eros em tradução, diga eu quero ser traduzida por você, diga mas você não, diga eu quero, eu quero, eu quero, eu digo.

Diga tradução oceânica como desejo.

Diga tradução animal selvagem enjaulado ansiando ser livre.

Diga eu escolho, diga eu escolho isso, tradução uma série de escolhas como qualquer outro momento de agência, diga escolher deleitar-se com a microerótica de escolher esta palavra em vez daquela palavra, de escolher esta palavra e aquela palavra, de respirar pesadamente em um espaço que pode ou não ter estado lá o tempo todo.

Diga me curvo, me inclino, me deito aos seus pés.

Diga eu dobro, eu amo, eu estico, eu quebro.

Diga eu dobro a tradução da linguagem, amo a tradução da linguagem, estico a tradução da linguagem, quebro a tradução da linguagem.

Diga estou ocupada fazendo.

Diga estou ocupada amando a tradução.

Diga estou ocupada code-switching a tradução, estou ocupada cross-dressing a tradução, visto-a com prazer.

Diga prazer.

Diga qual é a menor unidade de tradução, diga palavra, diga sílaba, diga fonema, diga ortografia, diga caligrafia, diga respiração, diga a partícula de pensamento que precede a articulação.

Diga qual é a maior unidade de tradução, diga poema, diga livro, diga todos os livros, diga tudo que já escreveram, diga tudo que jamais escreveram, ainda não escreveram, diga a passagem entre tudo que já escreveram e todas as pessoas que já leram qualquer coisa que já escreveram, ou diga algo maior mais amplo.

Diga o que a libertação queer pareceria se ela não escolhesse casamento gay, mas estruturas alternativas de relações humanas, diga livro traduzido em vez de livro, diga livro em vez de estruturas alternativas de literatura via tradução, estruturas alternativas de literatura via tradução.

Diga aquela outra coisa, diga inefável, diga gambá, diga tigre, diga criaturas intergalácticas todas flutuando na digitas pré-coativa, diga é assim que traduzem, diga eu você você eu, eu arrisco você eu, diga isso e me traduza.

Diga tradução feminismo branco amadurece e larga de si mesmo em direção à fecunda intersecção.

Diga que traduzir o rio denso é apenas uma escolha de muitas.

Diga tradução em vivo desafio ao desejo social de traduzir como todo mundo.

Diga tradução, quando Harryette Mullen lê *Muse & Drudge* a risada se dispersa em diferentes momentos em diferentes partes do público.

Diga tradução, quando a peça *The Clean House* de Sarah Ruhl começa com uma piada em espanhol, o prazer de rir em um teatro ao lado de outras pessoas é limitado aos que entendem a piada em espanhol.

Diga, quando Gabrielle Civil insere seu corpo em imagens de arte performática canônica, tradução *Swallow the Fish* e *Experiments in Joy*.

Diga, quando Layli Long Soldier traduz a desculpa governamental para os povos nativo-americanos, tradução *Whereas*.

Diga, quando M. NourbeSe Philip traduz as legalidades que traduziram vidas africanas em apólices de seguro, tradução *Zong!*.

Diga tradução *Sonic Meditations* de Pauline Oliveros.

Diga tradução da luz em matéria física de James Turrell.

Diga tradução improvisação estruturada de Butch Morris.

Diga tradução performance duracional de Tehching Hsieh.

Diga tradução “In Defense of the Poor Image” de Hito Steyerl.

Diga tradução “Degrees of Deaf Rage” de Christine Sun Kim.

Diga tradução *Waveform* de Amber DiPietra e Denise Leto.

Diga tradução “Wildness of the Punk Rock Commons” de José Muñoz.

Diga tradução dildotectônica de Paul Preciado.

Diga tradução vaginal alegre carnuda de Carolee Schneeman.

Diga tradução *Queer Art of Failure* de Jack Halberstam.

Diga tradução *Sky Below* de Raul Zurita.

Diga tradução do Terceiro Cinema.

Diga tradução “ruim”.

Diga tradução “f...”.

Diga tradução efêmera.

Diga tradução desajustada, impopular, malquista.

Diga tradução *Sula* (TM).

Diga tradução que atribui novos valores de beleza, tradução gloriosa
beleza ruim.

Diga tradução sem mérito, feia, porco do mato, diga tradução beleza
ruim.

Diga tradução Gurlesque (LG, AG), diga tradução Necropastoral
(JM).

Diga Outranspo, diga tradução Language Poetry.

Diga não à tradução DEPTRALI, tradução Definição Padrão
Inferiorizadora de Tradução Literária (DR).

Diga fazer o melhor em tradução (KW).

Diga tradução *Mud* (MIF), diga tradução Fast Speaking (AW), diga
tradução Mushroom Veladas (MS), diga etnotradução *Technicians of the
Sacred* (JR).

Diga idiotradutor, idiota-tradutor, tradutor ignorante, tradutor mestre ignorante, diga tradutor emancipado (JR).

Diga desviar, diga postar, diga movimento, diga trânsito.

Diga queer, diga cruising, diga punk, diga jammed, diga não-binária diga poli diga tradução trans+ ou trans*.

Diga tradução imprecisa, tradução infiel, diga tradução de que adiantam os fiéis se não é muito divertido estar com eles.

Diga tradução conceitual, diga tradução texto aberto, diga tradução de vanguarda, diga tradução pós-moderna, diga tradução pós-contemporânea.

Diga tradução como autorretrato, tradução como autorretrato repetitivo, tradução como autorretratos de Frida Kahlo, como autorretratos de Joe Brainard Nancy, tradução autorretrato de Cindy Sherman.

Diga autotradução como eliminação do mito do original (RS), diga traduzir para uma língua não sua língua nativa, diga cometer erros na tradução, diga violar a integridade dessa língua, diga tradução abrir as fissuras por onde outras coisas podem vazar (CS), diga tradução abençoadas são as rachaduras porque deixam a luz entrar (GM). Diga tradução deixe entrar a luz uma luz diferente. Diga tradução ocupe espaço abra espaço. Diga tradução como espaço para respirar, diga tradução como respiração, diga tradução como extensão da vida.

Diga tradução como processo, diga tradução como pedagogia, tradução como passatempo, tradução como olhar para o umbigo, tradução como leitura atenta, tradução como estudo de linguagem, como terapia, como treinamento, burburinho, cansaço, jogo, corrida, pulo, salto, tradução como esporte amador, tradução como jogar em um campo, como dançar em um clube (LNND), não como lugar, mas como zona (EA), como sintaxe porosa, fluida, tradução verbos acima de todos os nomes de lugares.

Diga tradução parcial, tradução meia-boca, tradução abandonada, tradução medíocre, tradução de perdedores e otários, tradução indecente, tradução mal-intencionada.

Diga tradução não comercializável, diga tradução não notável, diga tradução invendável, diga tradução desagradável.

Diga resgate a tradução da tradução capitalismo beligerante, da tradução tomada imperialista, tradução multicultural neoliberal bem-intencionada, da tradução muito amor é suspeito, da tradução “Report to an Academy” (FK), da tradução “Eating the Other” (bh).

Diga tradução-fala dos subalternos (GCS).

Diga tradução como destruição e reconstrução, tradução como lugar de ensaio para reimaginar as condições da literatura (AB, EH), diga tradução

como arquitetura, como arquitetura de sítio específico ou tradução pós-arquitetura, tradução arquitetura na forma de remoção (GMC).

Diga tradução como conversa, como amizade, como intimidade (SC), como generosidade. Diga contratradução como correspondência. Tradução *Subsisters* (UW, SS). Diga tradução por e-mail, tradução com pai e mãe, tradução na mesa da cozinha (MK), tradução no processo de encontrar o amor queer e aprender a língua de um país (Lesoto) dentro de outro país (África do Sul) e ficar de luto pela perda de amizade e amor (ZP).

Diga tradução da família escolhida contra a tradução de riqueza herdada, a tradução dos valores herdados.

Diga tradução remota, diga tradução próxima, diga tradução nômade (PJ), diga tradução constantemente em fluxo, diga tradução em tempo real, diga tradução incompleta, diga tradução em andamento, diga tradução lenta, diga tradução instantânea, diga tradução de duração infinita, diga boca cheia de tradução, corpo cheio de tradução, tradução apesar das e dentro das limitações do corpo, do tempo, do espaço.

Diga seus nomes, dentro e fora da tradução, os nomes das mulheres mortas pela violência do cartel de drogas no México (MR, JH, RL).

Diga seus nomes, dentro e fora da tradução, das vítimas do massacre na Pulse, uma boate gay em Orlando, Flórida (AC).

Diga seus nomes, dentro e fora da tradução, dos negros mortos pela polícia americana (CR).

Diga vômito, diga nó na garganta, diga tradução falta de ar, diga eu passei o verão todo de 2020 com febre baixa e náuseas sem fim, diga tradução esse interior do país que induz ao vômito. Diga tradução meu corpo mais jovem bebendo álcool, o corpo rejeitando pelo vômito mesmo uma pequena quantidade, eles dizem que as mulheres têm dificuldade em dizer não, eu invejei a clareza do meu corpo com o vômito.

Diga raça e racismo, tradução silenciosa de, diga na Ásia eu aprendo a entender isso melhor, a falar livremente, diga em 2017 eu volto para o lugar de onde vim e aprendo de novo como falar, como não dizer a coisa errada para a pessoa errada na hora errada, diga me traduzir em silêncio, em poesia. Diga um livro cheio de vômito, de nó na garganta, de falta de ar traduzidos. Diga antes da tradução há silêncio, diga depois da tradução há silêncio.

Diga tradução *Fuck tha Police*, diga tradução Public Enemy, diga tradução Tribe Called Quest, diga tradução Blackalicious. Diga tradução “No Scrubs” do TLC escrito em um velho envelope no carro. Diga tradução Jok’Air, on va turn up toute la nuit.

Diga tradução Defund the Police, diga tradução que desinveste da brutalidade racista e investe em serviços sociais, diga prioridades preferências costumes inclinações valores de importância e investimento podem mudar porque não precisam permanecer os mesmos na tradução.

Diga apenas porque é comum e normal traduzir e priorizar o sentido e o significado de um poema a custo de seu som e música, ou traduzir este poema e aquele poema, mas não o livro na sua totalidade, diga prioridades preferências costumes inclinações valores de importância e investimento podem mudar porque eles não precisam permanecer os mesmos na tradução.

Diga microtradução, diga por exemplo traduzir apenas um componente de um poema, traduzir apenas a sintaxe, traduzir a sintaxe na sua totalidade, diga traduzir toda a paisagem sonora do poema, diga traduzir o espírito, a cinética, o fantasma que o assombra, diga deixar para trás, deixar de fora, alterar o sentido, diga não eles nunca fariam isso, eu faria isso?, diga eu faria isso, diga faça isso para mim, faça isso para mim.

Diga quanto mais tempo eu passo escrevendo e traduzindo e fazendo arte, mais isso tudo se mistura. Diga quanto mais tempo passo sendo humana e conhecendo e me preocupando com outros humanos, mais as estruturas convencionais das relações humanas se misturam e se reagrupam e reinventam essas estruturas. Diga novas estruturas de linguagem articuladas via comunidade LGBTQIA+ que abrem portas para novas formulações para estruturas de literatura.

Diga tradução é oportunidade.

Diga eu estou cansada de tantas discussões sobre fonte e alvo, autor e tradutor, estrangeirização e domesticação (LV, FS).

Diga posturas não-binárias em relação à tradução que sentam com e ao lado de ambos os extremos, diga numa ponta a magia da tradução me permite ler o trabalho de Alejandra Pizarnik e Ursula Andkjær Olsen e Dorothy Tse, e então diga na outra ponta a ambiciosa leitura de estudantes de literatura comparada em duas, três, quatro línguas, porque se alguém quiser ler seriamente, deve ler no original, diga tudo isso junto lado a lado.

Diga tradução ser humano bípede, mulher, lésbica, musicista, compositora, entre outras coisas (PO).

Diga o que você pode fazer para ajudar, se você quiser, é ligar para suas famílias seus chefes seus senhorios seus amigos, todos que você conhece, e sair do armário como uma tradução queer (CAC).

Diga superar os desejos heteronormativamente naturalizados aprendendo a reconhecer todos os desejos naturalizados como o desejo por um certo tipo de beleza na tradução (PP).

Diga o desejo usa a máscara da naturalização, diga a tradução é um processo de desnaturalização o que é também um meio de decolonizar o desejo.

Diga tradução desconfiança de tudo o que parece ser tradução natural, tudo o que parece ser compulsoriamente sem deficiência (JM, JG), diga eu traduzo com meu corpo, diga meu corpo não é igual ao seu corpo (KB), na verdade, diga meu corpo produz sacos de merda, um saco de merda termoguiado e outro saco de tradução de merda termoguiado, tradução para dentro e para fora do contínuo inferno, sacos de merda traduzíveis, porque não podemos gritar nós traduzimos (DB).

Diga tradução como meio de desnaturalizar o desejo na linguagem como um ensaio para desnaturalizar decolonizar e acima de tudo libertar completamente o desejo na vida real, de verdade, vivida, uhuu.

Diga tradução fluente fácil inteligível clara lúcida legível, diga sim e mas.

Diga tradução no limite da percepção, diga tradução você quer mesmo ser definida pelas suas limitações.

Diga tradução estética acima da política, diga tradução política acima da estética.

Diga tradução estado-nação, diga eu supero essa tradução estado-nação.

Diga tradução retrotradução da língua colonial original para língua nativa, escrever numa língua colonial já uma tradução antes de sequer ter sido escrita (YS). Diga tradução traiçoeira, tradução que aponta o abismo e tenta superar a distância (SBS). Diga eu me recuso a traduzir. (DMC)

Diga tradução eu não estou aqui apenas para encurtar distâncias.

Diga tradução mudança nos parâmetros, diga tradução sentido não é tudo, diga traduza só os sons, só a sintaxe, só a estranheza, só a selvageria, tradução não mais impossível do que arte.

Diga tradução ambiente.

Diga neotradução mágica.

Diga tradução outsider.

Diga tradução diaspórica como um meio de expandir a discussão sobre raça (JK).

Diga tradução centralidade distribuída que leva por água abaixo a noção de margem (LS).

Diga Ultratradução (JH, JP).

Diga tradução dialetal, diga tradução falada, diga tradução com sotaque, diga tradução segunda língua, diga tradução língua madrasta, traduções Taylor Mac e judy.

Diga aqui aqui não, tradução lá aqui não.

Diga tradução quanto agora lealdade corrupta fidelidade a quê.

Diga tradução vômito, diga tradução diarreia, diga tradução logorreja.

Diga eu traduzo porque eu vomito, eu vomito porque eu traduzo, e de novo e de novo.

Diga tradução infinitamente complexa como qualquer movimento para a libertação deve ser (AL).

Diga quebrar e reconstruir tudo via tradução.

Diga tradução livre, eu digo, tradução eu traduzo sim desse jeito e também daquele mas tem mais coisa nessa história, nesse arco, arte, tradução bola no ar tradução eu arremesso a bola para você ainda no ar.

18 de outubro, 2020
e 13 de dezembro, 2023

Em ordem de primeira aparição:

Toni Morrison, Lara Glenum, Arielle Greenberg, Keith Waldrop, Douglas Robinson, María Irene Fornés, Anne Waldman, María Sabina, Jerome Rothenberg, Jacques Rancière, Ryoko Sekiguchi, Cole Swensen, Groucho Marx, LaTasha N. Nevada Diggs, Emily Apter, Franz Kafka, bell hooks, Gayatri Chakravorty Spivak, Augusto Boal, Erica Hunt, Gordon Matta-Clark, Sophie Collins, Uljana Wolf, Sophie Seita, Madhu Kaza, Zahra Patterson, Pierre Joris, María Rivera, Jen Hofer, Román Luján, Anderson Cooper, Claudia Rankine, Lawrence Venuti, Friedrich Schleiermacher, Pauline Oliveros, CAConrad, Paul Preciado, Johannes Göransson, Joyelle McSweeney, Kate Briggs, Daniel Borzutzky, Yi Sang, Serk-Bae Suh, Don Mee Choi, John Keene, Lisa Samuels, JD Pluecker, Audre Lorde.

Agradecimentos [da autora]

Um trecho deste livro apareceu na *Three Fold Press* – um agradecido obrigado a Chris Tysh, o editor.

Muito obrigada a Anna Moschovakis e Matvei Yankelevich por esse longo (e por vezes rápido) caminho na poesia.

© Sawako Nakayasu, *Say Translation is Art* (Ugly Duckling Presse, 2020).

Glossário onomástico (em ordem alfabética):²

Anderson Cooper: jornalista e escritor estadunidense.

Anne Waldman: poeta nascida em New Jersey.

Arielle Greenberg: poeta feminista estadunidense.

Audre Lorde: escritora feminista e ativista dos direitos civis e homossexuais.

Augusto Boal: diretor de teatro, dramaturgo e ensaísta brasileiro. Idealizador do Teatro do Oprimido.

bell hooks: autora, professora, teórica feminista e ativista antirracista estadunidense.

CAConrad: poeta queer estadunidense e professor da Columbia University.

Claudia Rankine: poeta jamaicana e autora antirracista.

Cole Swensen: poeta, tradutora, editora, redatora e professora estadunidense.

Daniel Borzutzky: poeta e tradutor chileno-americano. Ganhador do National Book Award 2016.

Don Mee Choi: poeta e tradutora coreano-americana.

Douglas Robinson: acadêmico, tradutor e escritor estadunidense de ficção.

Emily Apter: acadêmica, tradutora, editora e professora estadunidense.

Erica Hunt: poeta, ensaísta, professora, mãe e organizadora estadunidense.

Franz Kafka: escritor de língua alemã, autor da célebre novela *A Metamorfose*.

Friedrich Schleiermacher: professor de Filosofia da Teologia na Universidade de Berlim, considerado um dos primeiros a teorizar sobre tradução no século XIX.

Gayatri Chakravorty Spivak: teórica indiana e crítica pós-colonialista. Tradutora de Jacques Derrida.

² Adição do coletivo de tradução.

Gordon Matta-Clark: artista estadunidense da década de 1970, conhecido pela série de trabalhos em que removia partes do piso, teto e paredes de edifícios abandonados, contestando a lógica econômica pós-guerra.

Groucho Marx: ator e comediante estadunidense, famoso por seu trabalho como integrante do grupo dos irmãos Marx.

Jacques Rancière: filósofo francês, professor emérito da Universidade Paris VIII. Autor do reconhecido livro *O mestre Ignorante*.

JD Pluecker: escreve, traduz, organiza, interpreta e cria. Traduziu do espanhol para o inglês, entre outros, *Antígona González* (2016).

Jen Hofer: poeta, tradutora e intérprete estadunidense.

Jerome Rothenberg: poeta, ensaísta, tradutor, performer e antologista estadunidense.

Johannes Göransson: autor, crítico de poesia e tradutor sueco.

John Keene: escritor, tradutor, professor e artista. Foi nomeado MacArthur Fellow em 2018, recebeu o National Book Award for Poetry em 2022.

Joyelle McSweeney: poeta, dramaturga, romancista, crítica e professora da Universidade de Notre Dame.

Kate Briggs: escritora e tradutora britânica.

Keith Waldrop: poeta e professor universitário estadunidense.

Lara Glenum: escritora, poeta e professora estadunidense de escrita criativa.

LaTasha N. Nevada Diggs: escritora, poeta e artista sonora, nascida e criada no Harlem.

Lawrence Venuti: professor emérito de língua inglesa na Temple University, teórico da tradução e tradutor muito conhecido pelos conceitos de tradução estrangeirizante e domesticadora.

Lisa Samuels: poeta, ensaísta e artista sonora transnacional.

Madhu Kaza: escritora, tradutora, artista e educadora radicada na cidade de Nova York.

María Irene Fornés: escritora, dramaturga e diretora cubano-americana.

María Rivera: poeta mexicana e produtora cultural.



María Sabina: curandeira e xamã mazateca. Conhecida pela realização de *veladas* (vigílias) com o uso de cogumelos alucinógenos.

Paul Preciado: filósofo e escritor transgênero feminista.

Pauline Oliveros: acordeonista e compositora estadunidense, figura importante na composição de música eletrônica pós-guerra.

Pierre Joris: poeta, ensaísta, tradutor e antologista luxemburguês-americano.

Román Luján: poeta e escritor mexicano.

Ryoko Sekiguchi: tradutora e poeta japonesa.

Serk-Bae Suh: escritor e professor associado da Universidade da Califórnia, em Irvine.

Sophie Collins: editora e tradutora estadunidense.

Sophie Seita: artista intermediática, que trabalha com escrita, performance, som e instalações.

Toni Morrison: escritora, editora e professora estadunidense.

Uljana Wolf: poeta alemã e tradutora do inglês e polonês.

Yi Sang: poeta revolucionário coreano que viveu sob o domínio japonês no início do século XX.

Zahra Patterson: educadora e escritora estadunidense. Recebeu o Lambda Literary Award for Lesbian Memoir/Biography.